Processos fonológicos de ancoragem e aquisição de determinantes

Raquel S. Santos*
Ester M. Scarpa**

1 Introdução

A maior parte dos estudos identifica os determinantes-artigos levando em conta fatores distribucionais e fonéticos (cf., por exemplo, Pizutto e Caselli, 1992; 1993; Hyams, 1994; Lopes, 1999):

a. os determinantes "parecem-se" fonologicamente com artigos;
b. os determinantes preenchem a posição anterior a um nome.

Por exemplo:
1) [a 'bola] R. 1: 5; 10
2) [u 'pe] T. 1: 11

Segundo Hyams (1994), na gramática inicial, as categorias funcionais são subespecificadas. O sistema D é opcional, devido ao mapeamento de sentenças dentro da representação discursiva por parte de princípios pragmáticos. O traço específico de definidade de D permite determinados efeitos sintáticos que não são possíveis sem ele (por exemplo, somente NP indefinido pode ser sujeito pós-verbal de construções existenciais; só os NPs definidos permitem o alçamento na árvore sintática em alemão). Segundo a autora, há uma marcação pragmática que tem como valor default para D "interpretação de já conhecido, familiar". Para o sistema linguístico do adulto, o núcleo de DP deve ser definido, produzido por um ope-

* USP. raqueas@usp.br
** UNICAMP. scarpa@iel.unicamp.br

Letras de Hoje. Porto Alegre. v. 39, n. 3, p. 139-155, setembro, 2004
Geralmente, estudos que têm como escopo a sintaxe tendem a desconsiderar dados mais iniciais, que, ao contrário, têm sido cada vez mais privilegiados nos estudos fonológicos e nas considerações sobre a natureza da interface fonologia-sintaxe. Sobre, portanto, o material de análise para aqueles que assumem algum processo de ancoragem (bootstrapping) da fonologia para a sintaxe.

2 Análises morfo-sintáticas

Dado o fato de que esses sons iniciais, chamados de “prenchecedores”, ocorrem antes do período analisado (2 a 4 anos), há propostas de que esses sons sejam analisados como guardadores de lugar (place-holders), dispositivos pré-sintáticos – cf. Bloom (1970); Dore, Franklin, Miller e Ramer (1976); Bottari, Cipriani e Chilosi (1992); Pizzuto e Caselli (1992, 1993); Peters e Menn (1993). Analisados como elementos gramaticais iniciais, eles indicariam conhecimento de algumas categorias funcionais do adulto e apareceriam no final do período de uma palavra.

Para Peters e Menn (1993), os place-holders são protomorfemas que ocupam posições de morfemas específicos na linguagem do adulto. Conforme a autora, os place-holders ocupam o lugar de elementos funcionais, não os distinguindo entre morfemas livres ou presos. Os place-holders são geralmente um schwa [ə] e caracterizam-se por não portarem acento nem serem semanticamente salientes.

Bottari, Cipriani e Chilosi (1992) assumem que os place-holders monossilábicos são, em geral, segmentos vocálicos que partilham o traço [-tenso], que são inseridos na fala das crianças como dispositivos proto-sintáticos, formas embriônicas de morfemas livres que indicam que há um estágio, durante o processo de aquisição do Determinante, em que há um só elemento que é considerado sub-especificado morfologicamente. As autoras propõem que os place-holders indicam uma consciência adquirida de algumas propriedades das configurações estruturais subjacentes. Na maioria dos casos, não devem ser vistos como produções imperfeitas de morfemas específicos, mas funcionam para sinalizar a existência de posições sintáticas além das ocupadas por argumentos e predicados. Duas restrições governam sua ocorrência: sempre precedem itens lexicais e raramente substituem palavras de conteúdo ou itens de classe aberta.

Os place-holders têm, então, um papel proto-morfemico, preenchendo o lugar de diferentes elementos funcionais. Aparecem em contextos diferentes em tempos diferentes e cessam da mesma
forma, quando o elemento funcional que eles estão substituindo é aprendido (artigo, preposição, clítico, cópula, modal, operador de negação, pronome interrogativo). Segundo os autores, inicialmente a posição pré-nominal é preenchida, depois a posição pré-verbal; após esta os segmentos vocálicos aparecem frente a infinitivos ou agindo como pronomes proto-interrogativos.

Os *place-holders* monossilábicos são uma manifestação de ancoragem fonológica dentro da morfologia. Sua inserção é dependente de sua experiência fonética, da extração de generalizações sobre a organização estrutural de cadeias linguísticas, o que presume capacidade por parte da criança de fazer inferências estruturais a partir da forma fonética. Os autores afirmam, então, que a produção de *place-holders* é uma manifestação de que está havendo uma conscientização sobre a existência de posições estruturais que precisam ser preenchidas. Não são nem tentativas de produzir um morfema específico e nem estratégia imitativa de reproduzir sequências.

Segundo Bottari et al. (1992), a aquisição do artigo definido não parece ser desencadeada por nenhuma condição pragmática ou semântica que caracterize seu funcionamento na linguagem do adulto. No período inicial, há uma alta percentagem de omissões com respeito às ocorrências dos artigos e substituições por *place-holders*. Há grandes variações na relação entre ocorrências e substituições e quase todas as formas do artigo aparecem, mas nenhuma delas com valores percentuais relevantes. Com o passar do tempo, as omissões diminuem até parar, as ocorrências e substituições aumentam, excedendo as omissões, e as ocorrências excedem as substituições. Os autores concluem que os *place-holders* identificam os espaços a serem saturados na estrutura sentencial. O "*place-holder*" monossilábico precede o uso e é independente deste, como também possivelmente da consciência da existência de variantes morfológicas específicas da categoria de artigo.

### 3 Análises prosódicas


Lléo (1997, 2000) atesta que, em espanhol, algumas formas clí- ticas aparecem mais cedo do que em outras línguas (inglês, italiano, alemão) – dados de até 1:4. Segundo a autora, a diferença na aquisição do artigo em alemão e em espanhol deve-se ao arcabouço prosódico da fala da criança. A autora assume que as crianças passam por um estágio inicial em que a palavra consiste de um pé binário. Como o alemão é sensível à quantidade sílaba, as crianças podem produzir enunciados de 2 sílabas leves ou 1 pesada (cf. (16)-(18)). Como o espanhol é insensível à quantidade sílaba, nos enunciados sempre há 2 sílabas (cf. (9)-(15)). Assim, os proto-artigos são compulsoriamente produzidos com monossilabos para preencher o pé binário:

**Espanhol**

<table>
<thead>
<tr>
<th>9) [e'fah] ~ [he'fah]</th>
<th>pudim</th>
<th>M. 1: 7; 24</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>10) [e'ce]</td>
<td>trem</td>
<td>M. 1: 7; 24</td>
</tr>
<tr>
<td>11) [a'bado]~[h'a'bado]</td>
<td>prato</td>
<td>M. 1: 7; 24</td>
</tr>
<tr>
<td>12) [u'pe]</td>
<td>pé</td>
<td>Mg. 1: 7; 26</td>
</tr>
<tr>
<td>13) [u'den]</td>
<td>trem</td>
<td>Mg. 1: 7; 26</td>
</tr>
<tr>
<td>14) [e'moto]</td>
<td>moto</td>
<td>Mg. 1: 7; 26</td>
</tr>
<tr>
<td>15) [a'kuja]~[a'poja]</td>
<td>mariposa</td>
<td>Mg. 1: 7; 26</td>
</tr>
</tbody>
</table>

**Alemão**

<table>
<thead>
<tr>
<th>16) [a'mon]</th>
<th>boca</th>
<th>B. 1: 10; 20</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>17) [hadan]~[mbal]</td>
<td>bola</td>
<td>B. 1: 10; 20</td>
</tr>
<tr>
<td>18) [mbed]</td>
<td>camas</td>
<td>B. 1: 10; 20</td>
</tr>
</tbody>
</table>

A produção de artigos com nomes dissílabos é restrita em espanhol e cria trissílabos. A proposta de Lléo (1997) é que a criança já deixou o estágio de palavra mínima mais cedo. Segundo a autora, os trissílabos deixam a criança consciente do nível da palavra fonológica. Isto é, assumindo que os pés são necessariamente binários, um enunciado trissílabo requer dois níveis diferentes (pé e palavra). Uma vez que a distinção entre esses dois níveis é introduzida na gramática, as palavras prosódicas consistindo de um artigo mais um dissílabo podem ser representadas.

Para o alemão, os artigos têm uma forma plena e uma reduzida. Os artigos definidos normalmente aparecem em sua forma plena; aparecem reduzidos quando precedidos por uma preposição (cf. 19 e 20).

**Forma plena** | **Forma reduzida**

| 19) [an dem] | [am] |
| 20) [bei dem] | [beim] |
Os artigos definidos plenos são analisados como palavras fonológicas independentes. Quando é reduzido depois de uma preposição, é um clítico e constitui uma única palavra fonológica com a preposição, sendo, portanto, enclítico (cf. 21a):

![Diagrama 21a, 21b, 21c]

Para o artigo indefinido, Lló propõe que a forma plena é uma palavra fonológica independente. A forma reduzida clitiza-se com a palavra à direita. Pode formar um pé se a palavra for um monossílabo, ou uma sílaba adjungida diretamente à palavra, se a palavra for um dissílabo(cf. 21b e 21c, respectivamente).

Lló (1998, 2000) defende que, para o espanhol, há um estágio 0 responsável pelas produções monossílabicas (cf. 22a)), que o estágio 1 é binário e aplica-se ao espanhol, inglês e alemão (cf. 22b)) e que o segundo estágio é diferente para o alemão e o inglês, por um lado (cf. 22d)); e o espanhol, por outro (cf. 22c)):

![Diagrama 22a, 22b, 22c, 22d]

A sílaba não pesificada no estágio 2 em espanhol é preenchida por uma consoante laringea ou uma vogal aberta. Esta sílaba não pesificada pode ser a pré-tônica de um trissílabo ou um artigo reduzido.

Segundo a autora, o processo de aquisição dos artigos em alemão e espanhol segue o seguinte desenvolvimento: em espanhol, a produção é de 20% dos artigos produzidos frente a NPs em contextos obrigatórios por volta de 1:7. Em 1:9 preenche 40% e aumenta até 1:11, quando estabiliza-se em 90%. Em alemão, até 1:10 a produção é de 0%. Com 1:11 está em 20% e começa a aumentar. Por volta de 2:3 atinge os 80% de preenchimento dos contextos obrigatórios. Deve ser frisado que, apesar da abordagem prosódica, não ficam claros os critérios de obrigatoriedade de uso dos artigos.

Muito embora os artigos em português tenham um comportamento bastante parecido com o espanhol, nossos dados do português brasileiro mostram especificidades não presentes nos dados recobertos pela análise proposta por Lló. Eis algumas diferenças:

a. a produção de monossílabos, característicos do estágio 0, é muito marginal nos dados por nós analisados. O uso é restrito e sempre há a retomada do monossílabo por um som preenchedor + monossílabo. Por exemplo:

M. Alô!
23) [la]
M. Alô!
24) [la] [a'la]
25) [a'la] [a'la] R: 1:3; 19
M. Alô!
R. tenta “abrir” o microfone.
26) [ba]
27) [a'ba] [a'ba] interpretado como “abrir” pela mãe. R: 1:3; 19

b. Como veremos adiante, Lló também não se refere ao tipo de pés dos enunciados das crianças. A literatura defende uma tendência inicial trocaica (Fikkert, 1994; Demuth e Fee, 1995; Demuth, 1996; Fikkert, 1994). No entanto, os dados de Lló, bem como os de Santos e Scarpa (2003) e de Paoletti (2003), questionam esta tendência na produção dos enunciados em fases mais iniciais.

c. A autora parece defender que desde o início estes sons são place-holders de artigos. Não há outras evidências (sintáticas e semânticas) para tal fato. Nossos dados do português contradizem essa posição.

d. Não fica claro como a criança que está adquirindo qualquer língua pode diferenciar trissílabos de place-holders + dissílabos.

e. Finalmente, a criança brasileira também produz, inicialmente, enunciados com 4 sílabas:
esses casos são sempre de reduplação de sílaba, mas indicam que as crianças não estão trabalhando com o arcabouço do estágio 2 do espanhol, mas do que ela propõe ser o estágio 2 do alemão e inglês.

4 Os dados do português Brasileiro

Chamamos atenção, abaixo, para as principais variações que os sons analisados como proto-artigos se comportam quanto à fonologia, morfologia, distribuição frente a diferentes categorias gramaticais, distribuição dentro do enunciado fonológico, arcabouço prosódico, e processo de aparecimento do desenvolvimento de duas crianças.

a. Tipos de sons

Embora os estudos sobre os proto-morfemas assumam que são monossílabos átonos, em geral um schwa, observa-se que eles se caracterizam, em português, por serem [-tenso]. Em português, as seguintes formas são encontradas: [a] [a] [a] [u] [i][i][i]. Como observado pelos estudos acima, todos eles são átonos.

31) [a ne'nê] nenê T. 1: 5; 3
32) [a 'gaku] gato T. 1: 6; 4
33) [a 'si] assim T. 1: 6; 24
34) [u 'kaku] macaco T. 1: 7; 1
35) [a 'kaku] macaco T. 1: 7; 12
36) [u 'usa] puxa T. 1: 7; 12
37) [a 'la] lá R. 1: 3; 19
38) [a 'bola] bola R. 1: 5; 10
39) [a 'pe'] por R. 1: 5; 18
40) [adi 'i lela] cadê a Lela? R. 1: 5; 18
41) [o a ko'ju] caiu R. 1: 7

b. Subspecificação morfológica

Até por volta dos 1:9, não é possível encontrar uma relação entre a forma fonológica e a marca de gênero do determinante-artigo:

42) [a ne'nê] nenê T. 1: 5; 10
43) [a pi'piw] piupiu T. 1: 6; 10
44) [a 'poku] porco T. 1: 7; 12
45) [a ko'ko'] cocó (galinha) R. 1: 5; 18
46) [a ota mu'ni nu] outro menino R. 1: 9; 8
47) [a balalaw 'zi'nu] a+cavalinho R. 1: 9; 8

c. Distribuição nas classes gramaticais

Também é possível observar que a distribuição dos segmentos preenchidos não é morfologicamente sistemática. Nem sempre os sons identificados como determinantes-artigos precedem nomes. É possível encontrá-los também frente aos seguintes sintagmas:

VP
48) [a 'pa'] põe R. 1: 5; 18
49) [a ta 'basu] tá embaixo? R. 1: 6; 29
50) [o votu'3a] volto já R. 1: 9; 8
51) [o a ka'ju] caiu R. 1: 7
52) [a pu 'sa] puxa T. 1: 7; 12
53) [a pe' do] pegou T. 1: 7; 12
54) [o' sita] senta T. 1: 10; 22
55) [a' seta] acerta T. 1: 10; 22

PP/AP
56) [a 'majs] mais T. 1: 7; 12
57) [a pate'a] pra tirar R. 1: 6; 22
58) [a ota mu'ni nu] outros menino R. 1: 9; 8

d. Posição no Enunciado

Finalmente, cumpre notar que esses sons não aparecem somente em posição inicial de enunciado. Podem também aparecer em posições medial ou final:

59) [de.ta.?a] deitar T. 1: 6; 27
60) ['maj.s] mais T. 1: 7; 12
61) ['doj.s] dois T. 1: 7; 12
62) [pii'taw] capitão T. 1: 11; 2
63) [te'je] trem R. 1: 5; 27

Chamamos a atenção para o fato de que estes sons mediais e finais também existem. No entanto, como este trabalho trata da aquisição de artigos, estamos levando em consideração apenas os dados de sons pré-tonicos.
e. **Processo de Desenvolvimento**

Dois fatores chamam a atenção para o surgimento desses sons e o processo de desenvolvimento dos artigos. O primeiro é que, como visto no item (c) - distribuição nas classes gramaticais, esses sons aparecem também frente a VPs, PPs e APs. Observa-se, nestes dados (cf. dados (48)-(58)) que, ao contrário do que observam Botarri, Cipriani e Chilosì (1992), para o italiano, não há uma distinção temporal quanto ao momento em que ocorrem e desaparecem os sons preenchedores, bem como não há um perfil temporal sistemático quanto à distribuição deles com relação às categorias que os seguem ou precedem. Assim, não é possível afirmar que haveria o preenchimento primeiro da posição pré-nominal, depois a pré-verbal, depois frente a infinitivos.

O segundo fato a ser observado relaciona-se com o surgimento de sons preenchedores frente a posições nominais (NPs). Para T., as produções de NPs precedidas por artigos só passam a ser consistentes a partir de 2.5.18 (estabilizando-se com 50% de preenchimento). Antes disso, há muito mais produções sem sons preenchedores (75% de não preenchimento). R. mostra um equilíbrio maior entre a quantidade de produções de NPs precedidos e não precedidos por sons preenchedores. Aos 1:5 ela já produz 40% de preenchimentos de NPs e somente em 3 sessões a percentagem de preenchimento foi abaixo disso. Na seção 5, analisamos esta diferença na produção.

f. **Arcabouço Prosódico**

Os dados apresentados mostram que não é possível identificar esses sons átonos no início das palavras das crianças como proto-artigos. Não há semelhança fonética, não há uso conforme a língua adulta e não há distribuição de preenchimento frente a determinadas categorias sintáticas.

Llô propôs que esses sons preenchem o arcabouço da palavra fonológica, pois preencheriam o arcabouço, inicialmente do pê, depois, da palavra fonológica com 3 sílabas. Ora, segundo sua proposta, a palavra não teria como distinguir entre o parsing de [a'leja] (areaia) e [ane'nê] (a-nenê), pois ambas preencheriam o mesmo arcabouço.

Não há qualquer evidência que nos permita sugerir que a criança distingue a primeira sílaba de (64) como um som preenchedor, enquanto a primeira sílaba de (65) faz parte da palavra.

Finalmente, o fato de Llô não mencionar o tipo de pê com que trabalha cria uma dificuldade de parsing. Se o pê inicial for um troqueu (cf. (66a)), o esperado para o estágio 1 seria que houvesse inserções pós-tônicas (fato que ela não discute e parece não ter encontrado nos dados). No entanto, esses dados são encontrados em português (cf. (60), (61), (63)).

Não haveria problemas se o pê inicial for um iamb (cf. (66b)). Neste caso, no estágio 1, complementa-se o pê (cf. (37), (39)). No segundo estágio, a sílaba inserida não é pezificada (e, portanto, não é portadora do acento secundário) (cf. (51), (53)).

66a) Troqueu 66b) Iamb

Embora dê conta dos dados da criança, Llô não vai conseguir explicar como, então, a criança passa de um modelo iambico de palavra para um modelo trocaico (pois, como em português, a maioria das palavras em espanhol é paroxítona).

5 **Análise dos dados do português brasileiro**

Santos (1995), assumindo a proposta de Scarpa (1993;1994), vai propor que esses sons pré-tônicos átonos são inicialmente preenchedores entonacionais e que, posteriormente, serão reanalizados pelas crianças. Alguns desaparecerão, enquanto que outros permanecerão e serão reanalizados como artigos e pronomes.

5.1 **Fala inicial: preenchedores prosódicos**

Deparamos-nos, nos ensaios da criança durante o período que coincide com a intensa produção de sons preenchedores, com uma grande incidência de iambos, contrariamente à expectativa da literatura, que diz que a tendência é uma forma trocaica nas palavras da criança (ver Rapp, 1994, entre outros). A análise mais detai-
lhada dos dados de um sujeito, T., pode nos dar explicações mais satisfatórias do alcance prosódico dos sons preenchedores. Retomamos aqui Scarpa (1999) sobre o assunto.

Segundo Scarpa, a estrutura prosódica dos enunciados de T. caracteriza-se pela proeminência à direita, o que constitui unidade métrica iâmberca. No entanto, a forma canônica dos dissílabos em português brasileiro é o troqueu. Quando T. se depara com um troqueu, ele antecede a sílaba tônica por uma sílaba átona (mais raramente duas átonas), criando estruturas como:

(67) [m¹'bisu] m+bisco
(68) [a 'majs] a+mais

Esta estratégia de preenchimento tem o mesmo objetivo que outra estratégia (menos produtiva) dele, a mudança de acentos:

(69) [mu' zika] [me'zik]

Ambas as estratégias objetivam uma fórmula prosódica preferencial de palavras de 3 sílabas que tem direcionalidade à direita. Segundo a autora, esta direcionalidade é evidenciada pelo fato de que T. evita troqueus e favorece íambo nas sequências de 2 sílabas; no entanto, se ao pé trocaico antecedem um (ou duas) sílabas fracos. Assim, metricamente a fórmula básica dos enunciados de T. é o pé iâmbrico com uma sílaba fraca final em variação livre (extramétrica - Llôo, 1997).

A descrição dos contornos entonacionais de T. também corrobora a análise de que T., neste período, tem uma fórmula iâmberca preferencial. Durante este período (1: 7 a 2: 0), T. tem um contorno entonacional preferencial1 cuja estrutura pode ser representada como abaixo:

(70) (L) *H (L) ~ (L) *LH (L)

em que:
L = baixa, breve, fraca. H = alta, longa, forte. LH = ascendente, forte.

Ora, como ilustrado em (67) e (68), a inserção de sons preenchedores ocorre à direita dos troqueus e de monossílabos, transformando-os em íambo. Para T., tanto para a estrutura de palavras quanto para a descrição entonacional dos enunciados, a sílaba nuclear tem direcionalidade à direita.

Segundo a autora, o fato de que a proeminência acentual dos domínios prosódicos acima da palavra fonológica têm, em português brasileiro, proeminência à direita (Galves e Abaurre, 1996), enquanto que as regras de acento lexical têm proeminência à direita (cf. por exemplo, Massini-Cagliari, 1999), indica que T. está, neste período, fazendo uso de um esquema de proeminência pós-lexical para seus enunciados (talvez a frase fonológica, o domínio prosódico privilegiado para as unidades entonacionais em português brasileiro (cf. Tenani, 2002).

Se a criança estivesse trabalhando com o nível da palavra fonológica, o esperado seria que ela produzisse mais sons do tipo [maj si] e [doj si], o que não acontece. Mesmo estes dados serão analisados não como favorecendo um padrão acentual, mas como estratégia para evitar uma estrutura silábica pesada.

Neste trabalho com os níveis mais baixos, a criança fixa uma determinada forma métrico-entonacional e usa sons preenchedores como material fônico para preencher partes faltantes. Se as palavras são maiores do que o contorno, a criança apaga sílabas. Se as palavras são menores, a criança acrescenta sílabas. Santos (1995) aponta que R. não generaliza um determinado contorno para seus enunciados, mas os preenchedores aparecem sempre com um contorno entonacional específico, que tem a mesma forma que o contorno de T.

5.2 Reanálise das crianças: emergência dos artigos

Mas se esses sons iniciais não são proto-artigos, são preenchedores rítmico-prosódicos, quando então eles passam a ser realisados?

Santos (1995) observa que, nos dados de T., é só a partir de 2.5 que os segmentos vocálicos superam as produções sem esses elementos. No entanto, a autora chama atenção para o fato de que se deve observar se as produções das crianças são retomadas imediatas ou não das produções dos adultos, e se, no caso de se tratar de uma repetição do adulto, se trata de uma retomada do foco do enunciado adulto ou do não foco. Os dados de T., até 1.9 têm mais produções que são retomadas do foco do enunciado adulto (cerca de 70%). A partir de 2.0 equilibram-se os enunciados com retomada e sem retomada do enunciado do adulto. Finalmente, a partir de 2.4, há mais enunciados sem retomada do input (65%). No que se refere ao uso, observa-se que, por volta de 2.1, uma das formas

1 Exceto pelos vocativos, 100% das produções de T. neste período (1: 7 a 2: 0) exibem este contorno.
em que o determinante surge na fala de T. é em instâncias de enunciados em sequência, intermediados ou não por um turno do interlocutor, em que ele primeiramente usa os NP sem os segmentos vocálicos, e depois insere-os. Trata-se de uma auto-repetição, primeiro o conceito e depois a especificação (uso exofórico, segundo Castilho, 1989).

71) [na'ize]  
M. O nariz? Mostra o nariz.
72) [ u na'ize]  
73) [ u na'ize]  T. 2; 1; 10

M. bolinha verde
74) [ma'i 'kele bo'lija azu]  
75) [ma'i'e a 'bola su'biu]  T. 2; 6; 12

M. e aqui, o que que tem aqui?
76) [ a ma'mâj]  
77) [bo'lija] bolinha
78) [ a bo'lija a'ki]  T. 2; 9; 27

79) [ 'barko ku 'esi na'viu]  
M. Navio. Barco com esse navio?
80) [ u u 'barko ku na'vio]  T. 2; 0; 27

Como dissemos em 4, as produções de R. são mais estáveis no que se refere à distribuição de sons anteriores a NPs. No que se refere às repetições, observa-se a predominância da não-repetição do adulto (78% desde o início). Estas duas informações parecem corroborar a hipótese de que ela já passou pela transição de sons preenchedores para guardadores de lugar. O mesmo uso exofórico, de auto-repetição, é encontrado nos dados de R., num período mais anterior.

81) [ 'bola]
82) [ a 'bola]  R. 1; 5; 10
83) [ka'ka]  
M. que cacá?
84) [ka'ka]  
M. ah?
85) [ a ka'ka]  
86) [ a ka'ka]  R. 1; 6; 6

No entanto, nas situações em que o interlocutor tem dúvidas ou não entende, o uso é contrário: primeiro com o place-holder, depois sem. É como se as crianças fizessem o uso exofórico de que fala Castilho, tomando o NP como sendo conhecido pelo contexto. Uma vez que R. e T. percebem que há uma falha na interlocução, que esse NP não está sendo referido por seu interlocutor, eles voltam atrás, instanciam-no, conceitualizando o NP (não fazendo uso do determinante) para depois continuar a interlocução.

87) [ u ka'soju] o cachorro.
M. cadê?
88) [ ka'soju] cachorro
89) [ ka'soju a'ki] cachorro aqui  R. 1; 9; 20

M. que que o T. fez?
90) [maj u 'kaxu] mãe, o carro
M. uh? O que a Berenice fez?
91) [ista'go u 'kaxu] estragou o carro
M.uhn?
92) [ista'go 'kaxu] estragou carro T. 2; 7; 19

6 Considerações finais

Neste artigo, discutimos os segmentos sonoros que aparecem nos enunciados das crianças e que são analisados como preenchedores proto-morfêmicos por análises de aquisição sintática e morfológica. Observando que esses sons surgem num período bem mais inicial do que o que a literatura sobre aquisição sintática e morfológica costuma tratar, aproximamo-nos dos estudos fonológicos, que vêm nestes sons preenchedores fonológicos. No entanto, afastamos-nos das análises prosódicas que defendem que esses sons são preenchedores da fórma (template) básica da estrutura da palavra.

Os tipos de segmentos sonoros utilizados, a distribuição desses sons tanto no enunciado quanto frente a diversas classes de palavra, o momento em que surgem e desaparecem, nos levam a defender uma análise de que esses preenchedores iniciais são antes prosódicos do que sintáticos e que, posteriormente, passam por uma reanálise tanto sintática quanto prosódica, que faz alguns desses sons desaparecerem, por ter sido reestruturada sua motivação - uma determinada fórma (template) métrico-prosódica preferencial, ótima, numa determinada fase da aquisição, que é deixada de lado em fases posteriores. Esta reanálise transforma os sons
Referências
DEMUTH, K. The prosodic structure of early works. Signal to syntax: bootstrapping from speech to grammar in early acquisition. Morgan, J. e K. De-
———. The interface of phonology and syntax: the emergence of the article in the early acquisition of Spanish and German. Approaches to bootstrapping: phonological, lexical, syntactic and neuropsychological aspects of early language acquisi-

PETE R, A. M. Language Typology, individual differences and the acquisition of grammatical morphemes. The crosslinguistic Study of Language Acquisi-
SCARPA, E. M. (1994). Organizações rítmicas na fala inicial. Anais do IX En-